

Network Indignation: Changes and Continuities in Juvenile Political Socialization from June 2013

Rosana Katia Nazzari

Received: 24 November 2021 Accepted: 15 December 2021 Published: 25 December 2021

Abstract

The article presents results of comparative longitudinal investigations of youth political socialization between the years 2012 and 2015, having as reference the network movements of June 2013 in a city far from the major centers of political mobilization. Analyzes are made about the relationship between the new organizational arrangements of social movements, the insertion and growth of the use of social networks in the political and cultural mediation of youth with the political arena and its possible consequences on changes and continuities in the process of political socialization of teenagers and young people from public high school. Through the application of a survey in the city of Cascavel, State of Paraná, a gradual trend towards the paradigmatic opening of traditional social institutions in the social participation of young people was evidenced, in line with the multimodal characteristics that encourage political participation through social networks.

Index terms— network movements; youth; june 2013.

1 Introdução

ste artigo nasce da necessidade de reflexão sobre as formas atuais de interseção entre as juventudes e a arena política brasileira, expressas principalmente pelo advento e crescente consolidação dos ambientes virtuais na vida social dos indivíduos. O Democracy Index 2014 (Índice de Democracia 2014), elaborado pela Economist Intelligence Unit (EIU). Neste bojo, os conhecidos ciclos de protestos de Junho de 2013 evidenciaram um profícuo locus de análise dos diversos fatores que possam influenciar nas mudanças e continuidades dos processos de socialização política das juventudes no contexto brasileiro e, especialmente, nas cidades do interior do país.

2 Em conjunto com a teoria culturalista desenvolvida no país, os índices e a literatura especializada indicam que a Cultura Política brasileira e latino-americana se cristalizou na baixa participação dos cidadãos nos assuntos comunitários e da esfera pública. Porém, e para além da participação meramente eleitoral, nada abalou mais as análises sociais e políticas latino-americanas e brasileiras que as , que avalia a evolução de processos eleitorais latino-americanos e mundiais, mostra que o Brasil é o quinto país da amostra com maior grau de participação popular nas eleições, liberdades civis, pluralismo no âmbito partidário e transparência no processo eleitoral na América Latina, atrás de países como Uruguai, Costa Rica, Chile e Jamaica, ganhando apenas a 44ª posição nos países considerados democráticos, dentre os 165 considerados livres. Apesar de subir uma posição em relação ao relatório de 2006, o Brasil ainda é considerado pelo índice como uma "democracia falha", situação idêntica a de outros 51 países ou regimes políticos que governam 35,5% da população mundial. Os dados aqui apresentados são fruto da dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), orientada pela Prof^a. Dr^a. Rosana Katia Nazzari e avaliada pelos membros da banca Prof. Dr. Marcelo Baquero e Prof. Dr. Geraldo Magella Neres. O Economist Intelligence Unit Democracy Index é compilado pela revista inglesa The Economist. mobilizações populares de Junho de 2013, momento em que, dotada de uma organização política nova, multifacetada, descentralizada e de diversas pautas, uma camada significativa da população brasileira engendrou protestos de rua massificados.

No âmbito da reflexão científica, pela proximidade dos eventos e suas rápidas dinâmicas, este fenômeno ainda não ganhou uma ou mais publicações de peso e tampouco se espera, no mais curto espaço de tempo, compreender

3 FORMAÇÃO E POSSIBILIDADES DAS

45 quais serão os caminhos que tomará, porém, caminha a largos passos para ser compreendido por meio das múltiplas
46 características que o formaram e dos discursos e práticas que lhe conferiram inventividade e autenticidade.

47 Percebeu-se na literatura que tem se debruçado sobre isso, que estas mobilizações, chamadas por Castells
48 (2013) de movimentos em rede, definiram e abriram caminhos para se pensar os movimentos sociais a partir de
49 uma característica específica: a conectividade cidadã. A conexão cibernética e, portanto tecnológica, de ambições,
50 indignações e esperanças com intuítos e vertentes ideológicas variadas, desde a derrubada do regime político à
51 exigência de novas formas de democracia e participação cidadã fizeram parte das reivindicações em rede.

52 Neste sentido, como afirma Lévy (1999), o ciberespaço em si, se tornou uma ferramenta essencial para a
53 democracia e para o aprimoramento de uma inteligência coletiva. O conceito de Inteligência Coletiva é utilizado
54 por Pierre Lévy para designar formas de os seres humanos pensarem e compartilharem conhecimentos, por meio
55 de ferramentas mecânicas, como por exemplo, a internet. Com ela, os próprios usuários geram seu conteúdo e
56 seu próprio tipo de interatividade. dos cidadãos. Além de poderem ser colocadas a serviço de regiões e cidades
57 com vulnerabilidade social e servir como um instrumento de desenvolvimento social, como forma de se constituir
58 cidades e democracias eletrônicas, ele facilitou a troca de experiência, de saberes, a ajuda mútua, um acréscimo na
59 participação dos cidadãos nas decisões políticas e, por fim, uma conjugação de forças para o avanço da cidadania.

60 Junho de 2013 mostrou-se avesso à hierarquização política e à verticalização da organização dos movimentos
61 sociais experimentadas até então como exemplos clássicos de mobilização política. Seguindo o mote político do
62 Movimento Passe Livre (MPL), sufocou o Poder Executivo, protagonizando um grande número de atos públicos
63 em um curto espaço de tempo, parando as cidades, para enfim, os indivíduos terem sua parcela de protagonismo
64 político em detrimento a qualquer tipo de poder institucionalizado (TATAGIBA, 2014).

65 De modo geral, podemos compreender Junho de 2013, assim como as Diretas Já e os Caras Pintadas, como
66 manifestações amplas da cidadania e/ou dos "indignados". Isto significa dizer que as características de ambos os
67 ciclos de protestos envolvem: agregados de múltiplos coletivos no espaço público com reivindicações conjunturais,
68 mas frequentemente com protestos politicamente heterogêneos, diversificados, e podendo conter antagonismos
69 políticos explicitados ou não, e mobilizados especialmente através das redes sociais e/ou virtuais (SCHERER-
70 WARREN, 2014, p. 14).

71 Além da autonomia, da horizontalidade, das múltiplas formas de mobilização, da mescla de luta política
72 territorial local-global de suas presenças e de suas pautas, da espontaneidade e da cooperação e solidariedade
73 entre os manifestantes e com as variadas causas sociais que se apresentaram em diferentes contextos, a capacidade
74 de autorreflexão dos movimentos em rede os fizeram se caracterizar como padrões emergentes de possíveis ações
75 políticas aos movimentos sociais.

76 Por meio de toda esta realidade que concerne a democracia brasileira, os movimentos em rede emergentes,
77 as novas experimentações democráticas e a cultura e socialização política da juventude, mostrou interessante
78 para este estudo selecionar a cidade de Cascavel, Estado do Paraná, que reuniu mais de 10 mil pessoas no
79 primeiro maior protesto em 13 de Junho e 5 mil pessoas no segundo, no dia 15 de Junho. Escolheu este recorte
80 territorial para, acima de tudo, adequar a viabilidade da pesquisa, porém, é certo que se, analisados outros
81 contextos semelhantes (cidades do interior do país com características sociais parecidas), os mesmos resultados
82 podem se apresentar.

83 No caso que aqui se apresenta, a participação política da juventude foi expressiva e consolidou uma categoria de
84 experimentação democrática histórica no município, nunca antes vista nos mais de 60 anos de história emancipada
85 da cidade.

86 O eixo em que orbita o problema desta pesquisa, portanto, é: "A experimentação democrática dos protestos
87 massificados, a criação de comunidades virtuais democráticas e outras características dos Movimentos Sociais
88 na era da internet fizeram variar, em curto prazo, os modos de Socialização e a Cultura Política juvenil em
89 Cascavel/PR?".

90 Se objetiva demonstrar os elementos de cultura e socialização política juvenil em Cascavel entre os anos de 2012
91 e 2015, para, utilizando-se das experimentações democráticas vivenciadas em 2013, compreender o comportamento
92 das atitudes políticas da juventude em relação aos movimentos em rede.

93 Propôs-se então para este estudo um desenho de pesquisa que levou em conta os seguintes aspectos: 1) a
94 caracterização geral do público de pesquisa: a juventude do município de Cascavel e, em especial, os estudantes
95 do Ensino Médio público e suas percepções e relações com os movimentos em rede e os protestos de Junho de
96 2013 e; 2) a análise de dados clássicos e específicos da Cultura e Socialização política do público do estudo;
97 demonstradas no que se segue.

98 2 II.

99 3 Formação e Possibilidades das

100 Comunidades Virtuais de Mobilização Política

101 Quando objetos de reflexão, as reuniões e mobilizações virtuais por pautas diversas são importantes
102 problemáticas quando se pensa sua posterior ação política na realidade. A possibilidade de transformação das
103 reuniões virtuais se transformarem em reuniões físicas foi respaldada por teóricos como Howard Rheingold,
104 William Mitchell e Sherry Turkle, que viam nas comunidades virtuais novas formas de vida urbana e de

105 sociabilidade, permitindo novas construções e expressões identitárias e desempenhos diferenciados de papéis
106 sociais.

107 A construção do conceito de comunidade virtual é facilmente confundida com uma realidade social idealizada
108 ou ilusória, visto que o acesso às condições reais da vida social seria limitado pela pequena gama de sensibilidade
109 social que as redes comportam, dadas e vividas em condições reais diferentes das colocadas no mundo virtual.
110 Porém, como comunidades virtuais e comunidades físicas não precisam, necessariamente, serem consideradas
111 opostas, Castells (1999) afirma que a constituição e consolidação de comunidades virtuais são apenas outra
112 forma possível do conceito de comunidade, com dinâmicas e leis singulares, que podem interagir com outras
113 formas.

114 Desta forma, os vínculos e práticas sociais que se formam nas redes virtuais são dimensões possíveis,
115 especializadas e diversificadas de satisfação de interesses sociais também específicos e diversos, em que tanto off-
116 line quanto on-line, os laços fracos (da modernidade) facilitam a ligação das pessoas com diversas características
117 sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do autoreconhecimento.
118 Nesse sentido, a Internet pode contribuir para a expansão dos vínculos sociais numa sociedade que parece estar
119 passando por uma rápida individualização e uma ruptura cívica. ??CASTELLS, 1999, p. 445) Esta desvinculação
120 social crescente teria nos vínculos virtuais um refúgio ou uma possibilidade de vínculos sociais mínimos para as
121 pessoas que, ao contrário disto, viveriam apenas vidas sociais limitadas se, apenas na vida física, sobrevivessem
122 somente com os vínculos cada vez mais espacialmente e temporalmente dispersos da sociedade contemporânea.

123 De todo modo, caberia às Ciências Sociais estudar o fenômeno da virtualização das comunidades como uma
124 produção e reprodução cultural. Partindo deste pressuposto, este novo tipo emergente de comunidade não
125 seria apenas uma espécie de indução à realidade virtual, mas a construção de uma realidade virtual, pois toda
126 realidade cultural advém da formação, assimilação e reprodução de símbolos formadores daquela realidade. Em
127 outras palavras, "a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de
128 símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica" (CASTELLS,
129 1999, p. 459).

130 O novo sistema de comunicação humana que se coloca, portanto, proporciona além da reprodução cultural
131 da vida física nas comunidades virtuais, a inclusão e uma maior abrangência das expressões culturais, sejam
132 individuais ou coletivas. Dentre os fatores que as caracterizam, tem-se que a diversificação, a multimodalidade
133 e a versatilidade deste sistema são capazes de lidar com valores, com a moral, com o imaginário e também com
134 os conflitos sociais, gerando uma queda de importância do poder simbólico de instituições tradicionais presentes
135 fora das comunidades virtuais como a religião, a autoridade, os valores tradicionais, as ideologias políticas e a
136 autoridade carismática.

137 Esta correlação de forças entre o tradicional e o emergente gera, portanto, uma espécie de disputa social não
138 mais inédita na história da humanidade, que se expressa na tentativa de adaptação da liderança carismática, da
139 moralidade e dos valores ao novo contexto social da informação, podendo inverter a lógica de que, por exemplo,
140 são os fluxos de poder que movem a política ou qualquer outro âmbito da vida social, mas sim onde é o poder
141 dos fluxos da informação que exercem força maior na determinação da realidade social.

142 Assim, a virtualidade das relações sociais, além de não ser um produto artificial, criado apenas para atender
143 demandas isoladas do sistema social, é igualmente geradora de práticas reais, justamente por ser reflexo destas.
144 Desta forma, a geração de comunidades virtuais de exercício da democracia ou da participação, geram os laços de
145 solidariedade necessários para a ação política concreta na medida em que esta é necessária, debatida e decidida
146 pelos indivíduos e grupos online.

147 Elas estão, enfim, diretamente relacionadas ao modo como a socialização política e a sociabilidade contem-
148 porâneas existem e se expressam nas atitudes, comportamentos e orientações gerais dos indivíduos. São expressões
149 de uma sociedade em rede que, agora organizadas no espaço democrático, deram nascimento aos movimentos
150 sociais contemporâneos e sua interlocução com a tecnologia e à conectividade cidadã.

151 4 III.

152 5 Caracterização e Métodos

153 Para a observação da variação ou não da Cultura Política juvenil em Cascavel/PR, fez-se teste quantitativo com
154 aplicação de questionários compostos de entrevistas semi-estruturadas para a população juvenil de 13 a 19 anos
155 de idade -faixa etária selecionada para melhor apreensão dos modos de socialização política -de estudantes de
156 escolas públicas estaduais do município, em uma amostra selecionada definitiva de 503 entrevistados.

157 Utilizou-se como fundamento para coleta destes tipos de perguntas alguns modelos de questões aplicadas
158 por instituições como o Latinobarômetro, uma pesquisa de captação de percepções, satisfações e análises de
159 opinião pública com referência mundial na produção de pesquisas na área de Ciência Política 4 De acordo com o
160 sistema oficial de consulta às escolas paranaenses . Já para testar as questões relativas à opinião pública sobre os
161 protestos, seguiram-se as pesquisas realizadas durante os movimentos em rede que ficaram conhecidos por Occupy
162 Wall Street, nos Estados Unidos da América, colhidas por órgãos como o Ipsos/Reuters, pesquisa CBS/New York
163 Times, pesquisa NBC News/Wall Street Journal e Instituto Gallup, todas utilizadas por Castells (2013).

164 A escolha do número de questionários aplicados por conglomerados regionais levou em consideração a
165 distribuição populacional do município, juntamente com o número de escolas disponíveis para aplicação, conforme

5 CARACTERIZAÇÃO E MÉTODOS

166 autorização do Núcleo Regional de Educação. Foram participantes desta pesquisa 12 escolas e 24 turmas de Ensino
167 Médio (1^{os}, 2^{os} e 3^{os} anos), onde se realizaram, com apoio das direções e equipes pedagógicas, sorteios aleatórios
168 para a participação dos estudantes, objetivando retirar a amostra mais fiel do público da pesquisa. amostra, para
169 o cálculo do erro amostral, ou seja, 500 unidades. A pesquisa conta com um erro amostral de 5% e confiança de
170 95%, calculada sobre os parâmetros estatísticos expostos por Barbetta (2002).

171 No que concerne a dimensão qualitativa, consideraram-se os conceitos clássicos da Ciência Política como
172 Cultura Política, Socialização Política, Participação democrática e Movimentos sociais em suas características
173 contemporâneas de rede, como conceitos em que orbitam as lógicas das atitudes políticas do público da pesquisa.

174 As variáveis são as mesmas já consagradas pela Ciência Política clássica brasileira e mundial: escolaridade dos
175 jovens e de seus genitores, renda familiar, participação em eventos e atividades, participação em eleições, grau
176 ??e Observa-se pela Tabela 01 que o maior número de entrevistados concentra-se entre a faixa etária entre 16 e
177 17 anos, com uma predominância de pessoas do sexo feminino (58,8%), destacando que 23,9% dos entrevistados
178 são compostos por jovens mulheres de 16 anos de idade. Na pesquisa realizada por Thomazini (2012), o número
179 de mulheres somava 56,6% e também possuíam em sua maioria 16 anos. As pessoas do sexo masculino somam
180 41,2% e estão concentrados também entre 16 e 17 anos.

181 Quanto à escolaridade dos pais, notou-se uma relevante semelhança de formação entre as mulheres e os homens.
182 As mães e pais predominantemente frequentaram a escola até o Ensino Fundamental (31,81% das mães e 32,01%
183 dos pais), com números consideráveis também de concluintes do Ensino Médio (27,44% das mães e 26,44% dos
184 pais).

185 De acordo com Nazzari (2006), os estudos de socialização e cultura política da juventude têm demonstrado uma
186 contradição entre a baixa escolaridade dos pais e mães e a expansão crescente das instituições de ensino superior
187 no Brasil. Tal variável é fundamental para estes estudos, pois permitem associações de proporcionalidade com os
188 níveis de informação política, participação, adesão e legitimação do sistema democrático, além de se constituir
189 como elemento necessário para a elevação dos índices de capital social nas comunidades.

190 No tocante à preferência por formas determinadas de governo, a pesquisa mostrou que 47,12% dos entrevistados
191 preferem a democracia a qualquer outra forma de governo, 19,68% acham que em alguns casos um governo
192 autoritário pode ser preferível, 16,1% deixaram a questão sem resposta, 14,51% afirmaram não saber responder
193 e 2,58% dizem que tanto faz ser ou não um governo democrático.

194 Destacou-se nesta questão o elevado percentual de jovens que afirmam não saber responder à questão ou
195 a deixaram sem marcação de resposta, evidenciando que o conhecimento sobre as formas de governo e suas
196 características ainda é frágil entre os jovens estudados. A preferência por governos autoritários em determinados
197 casos também não pode ser desconsiderada: dos 503 entrevistados, 99 assinalaram esta afirmação.

198 Explicativo disto, como afirma Baquero (2004), a cultura política autoritária desenvolvida historicamente no
199 Brasil e na América Latina, contribuiu significativamente para que houvesse uma reprodução longitudinal de
200 traços autoritários na forma como os jovens encaram a política, ou seja, a forma autoritária de conduzir as
201 mudanças ou permanências de aspectos do sistema político cristalizou este traço e permite que ele se reproduza.

202 Contudo, a maioria ainda se constitui de jovens que preferem formas de governo democráticos em detrimento
203 de qualquer outra possibilidade, o que mostra a disposição majoritária da juventude em fomentar a construção
204 de formas de visibilidade que percorram caminhos democráticos, índices que coincidem longitudinalmente com
205 as pesquisas realizadas por Baquero, Nazzari, Schmidt, Thomazini e outros.

206 Por sua vez, no subgrupo de participantes dos protestos de Junho de 2013 na cidade, os números seguiram
207 praticamente a mesma média dos outros respondentes: 51,9% preferem as formas democráticas de governo,
208 20,8% preferem governos autoritários em determinados casos e 2,8% dizem que tanto faz ser ou não um governo
209 democrático. Os que não souberam responder ou não assinalaram a questão somam 24,5%.

210 Percebe-se que há um aumento da preferência por governos autoritários e também no número de entrevistados
211 que não responderam neste subgrupo de análise, o que caracteriza que metade dos participantes dos protestos
212 possuem uma definição frágil do que seja o processo político autoritário e democrático, também reproduzindo as
213 formas autoritárias de pensar da cultura política brasileira.

214 Perguntados acerca de sua participação social e comunitária, os resultados mostraram um acréscimo importante
215 nos índices, demonstrados pela Tabela 02 a seguir, que já conta com a porcentagem de aparições positivas ou
216 não de cada evento e, uma comparação com os dados coletados em 2012, no intento de verificar mudanças ou
217 manutenções nos padrões atitudinais em relação à participação, com destaque em negrito para as mais relevantes:
218 Os números apresentam aumento de participação em todas as atividades ou instituições de 2012 para 2015, com
219 destaque para o aumento de participação em protestos e passeatas, grupo de jovens religioso -que é o único item
220 que ultrapassou 50% de participação -e em conselhos de classe na escola. Os aumentos assinalam um fomento na
221 participação política e comunitária dos jovens de Cascavel/PR e também um maior incentivo à participação ou
222 relativização de paradigmas pelas instituições sociais tradicionais como a religião e a escola.

223 Apesar de os números ainda indicarem um descrédito considerável nas instituições e grupos sociais para
224 a participação, o aumento nos índices parecem apontar um crescimento dos estoques de capital social entre os
225 estudantes do Ensino Médio público de Cascavel. São estes níveis de participação que permitem que a organização
226 global da sociedade coopere no sentido de desenvolver ou ampliar projetos de crescimento dos bens públicos e de
227 felicidade coletiva, além de pertencimento, legitimação e adesão à democracia (PUTNAM, 2006).

228 Destaca-se também que, no contexto dos movimentos em rede, a onda globalizante das TIC's funciona como

229 facilitadora, mesmo que de forma temporária e inconstante, promovendo a discussão online e a criação de fóruns
230 públicos de debate e decisão, que constituem um importante instrumento de incentivo à participação em protestos
231 e, na medida em que enxergam expressão popular, crescem de maneira virtuosa até terminarem em suas próprias
232 práticas. Isto, pois, conforme Castells (2013) A partir dos dados apresentados na Tabela 03, pode-se perceber
233 igualmente um relativo acréscimo nos estoques de capital social da juventude entrevistada. Por um lado, o
234 aumento de atividades como ler reportagens sobre política e conversar com professores, coordenadores e diretores
235 sobre os problemas da escola aponta o mesmo verificado anteriormente, ou seja: as instituições tradicionais
236 tendem, neste contexto, a investir na abertura democrática para participação dos jovens e, do mesmo modo,
237 a mídia parece atrair mais o olhar dos estudantes sobre o mundo político, relatando com frequência a sua
238 importância e, além disso, buscando traduzir informações antes inacessíveis ao público jovem.

239 Por outro lado, verifica-se que os canais de comunicação com a institucionalidade democrática de fato perdem
240 cada vez mais relevância e eficácia. Isto é evidenciado no fato de as duas únicas alternativas com baixa no número
241 de realizações serem, justamente, duas dimensões da mediação entre os cidadãos e o sistema representativo: a
242 conversa com vereadores e o pedido para políticos. Evidencia-se assim, que a desconfiança nos procedimentos
243 do sistema democrático, através dos representantes políticos, forma uma considerável barreira para o acesso e a
244 disposição em acessar os mecanismos democráticos de controle de mandatos e de controle social por parte dos
245 jovens entrevistados.

246 Afora estas constatações, o relevante destaque continua sendo o crescente uso das redes sociais e da internet
247 para a informação política dos jovens. Na pesquisa de 2012, percebeu-se que quando perguntados especificamente
248 sobre a época de eleições, mais jovens responderam que se informavam pela internet, em comparação com os
249 números de informação com uso das redes fora do espectro eleitoral.

250 Na pesquisa de 2015, verifica-se que os números se repetem precisamente nos dois momentos, o que demonstra
251 que a tendência de consolidação das redes sociais e da internet na arena política não atinge agora apenas os períodos
252 eleitorais e nem somente aqueles jovens que querem usar a internet apenas para se informar sobre o voto, mas
253 sim todas as dimensões cotidianas da política, que envolvem as situações políticas e suas influências na vida de
254 cada indivíduo ou grupo social.

255 Paralelo a isto e, em relação às variáveis específicas para verificação da confiança política e interpessoal,
256 se estimulou os entrevistados a dizerem se confiavam totalmente, até certo ponto, não confiavam ou se não
257 sabiam responder se confiavam nas instituições, pessoas e representantes políticos abaixo. A Tabela 04 que
258 segue demonstra os graus de confiança e desconfiança de forma comparativa entre 2012 e 2015, indicando
259 também os dados relativos ao subgrupo de participantes dos protestos nos itens "Governo Federal", "Governo
260 Municipal", "Partidos Políticos", "Igreja", "Família", "Escola", "Mídia" e "Amigos", em negrito: Os índices
261 de confiança política apresentados demonstram continuidades no processo de desconfiança institucional e
262 interpessoal, historicamente tidos na juventude. Porém, como explica ??aquo (2004), a desconfiança não
263 pode ser vista apenas pelo viés negativo da falta de integração com o sistema político, mas sim compreendendo
264 que a confiança em excesso é indicador de que a apatia política pode predominar, reduzindo o controle social por
265 parte dos cidadãos sobre o Estado e, por consequência, a eficiência da democracia.

266 Percebeu-se que, no tocante à confiança nas instituições políticas, os governos e representantes políticos
267 continuam sendo objeto de maior desconfiança por parte dos jovens, com destaque para a desconfiança completa
268 nos vereadores, que atingiu o índice de 53,3% na categoria "Não confio" e decresceu nas categorias "Confio
269 totalmente" e "Confio até certo ponto". A proximidade dos vereadores com a esfera política local poderia ser
270 fator para ter um quadro diferente de confiança, porém, os dados revelaram que é, ao contrário, objeto de
271 desconfiança cada vez maior.

272 Quando se gira a análise para as instituições sociais tradicionais como a família, a escola e a igreja, se percebe
273 que todas, mas em especial a igreja e a escola, tiveram quedas nos índices de confiança total e aumento de
274 confiança até certo ponto, o que indica que a secularidade ou condição paradigmática destas instituições estão
275 sendo gradativamente questionadas, pois confiar até certo ponto se pode considerar como uma confiança com
276 certas restrições, sem uma certeza de que todas as ações que nelas são praticadas são de fato objetos de confiança
277 absoluta.

278 Ainda assim, a família permanece sendo majoritariamente a instituição mais confiável pelos respondentes, pois
279 90,7% demonstraram confiança total ou até certo ponto. Em contraponto, a confiança na igreja passou a ser a
280 menor entre esse tipo de instituição (76,7%). Mesmo considerando que os níveis são elevados, a confiança na
281 escola foi elevada e na pesquisa de 2015 aparece com 82,9% de confiança total ou até certo ponto.

282 Um elemento que se adicionou ao questionário aplicado nesta pesquisa é a confiança na mídia impressa,
283 televisiva ou virtual, que não aparecia em 2012. Segundo os dados, 47,5% dos entrevistados confiam totalmente
284 ou até certo ponto nas informações, formas ou abordagens da mídia e 45,1% disseram que não confiam nada.

285 A grande desconfiança dos jovens na mídia passa muito pelo nível e intensidade de informação a que estão
286 submetidos os indivíduos e, hoje principalmente, pela substituição gradual do conteúdo televisivo, que era
287 hegemônico, pelo da internet, que questiona e coloca em xeque os conteúdos da mídia clássica.

288 Como afirma Postman (1999), a televisão redefiniu o que se entende por um consistente juízo político, seja
289 dos jovens ou dos adultos, modificando-o em uma questão estética antes que uma questão lógica, o que provoca
290 a desinformação ou, quando analisada mais a fundo, um rebaixamento intelectual e desconfiança.

291 Já quando perguntados sobre confiança interpessoal, as quais colaboram também para os níveis de estoque de

capital social e cooperação comunitária, constatou-se que os amigos recebem as maiores confianças totais, seguido dos professores e das pessoas no geral. Quando analisados pelo prisma da não confiança, as pessoas recebem o maior descrédito e os professores aparecem em seguida, à frente dos amigos. Ainda de acordo com a Tabela 04, entre o subgrupo de participantes dos protestos de Junho de 2013, pode-se perceber que os mesmos se posicionam mais em relação o número de respondentes que não souberam responder na pesquisa global.

Este dado indica que os níveis de confiança interpessoal possuem grande influência nos níveis de informação, participação e debate político da juventude, tendo nas figuras do professor, da escola em si e dos amigos, diferentes níveis de comunicação, dados os papéis sociais desempenhados por cada pessoa ou instituição no estímulo à participação cidadã.

Objetivando complementar os dados até aqui apresentados, perguntou-se por qual meio os entrevistados mais tinham ouvido falar dos protestos de Junho de 2013. Esses meios foram escolhidos considerando os agentes de socialização como os amigos, família, mídia, escola e as redes sociais ou, enfim, os meios pelos quais a comunicação sobre as manifestações aconteceu.

A Tabela 05 a seguir mostra por quais meios o público da pesquisa se informou sobre os protestos de Junho de 2013 em Cascavel/PR, dividido entre o total de entrevistados e os que participaram das manifestações:

Volume XXII Issue I Version I 30 () Neste ponto, mais uma situação se evidencia: a maioria dos jovens que não participou dos protestos se informou pelos meios de comunicação clássicos, ou seja, assistindo à TV e pelos jornais e, em menor medida, se informando nas redes sociais, com amigos e na escola, enquanto os participantes dos protestos utilizaram de forma significativa (70,8%) as redes sociais na internet e, em menor medida, a TV, os jornais e conversando com amigos.

Indica-se assim, que a participação nos protestos está diretamente relacionada à informação pelas redes sociais e à internet, que passam a se constituir no principal instrumento de mediação entre a organização em rede e a presença física nos protestos. A possibilidade de uma comunicação autônoma, de ser virtual sem filtragem ou seleção; da organização e avaliação dos movimentos de forma horizontal, sem julgamentos de valor ou críticas jornalísticas, formam as bases para que as redes sociais, neste caso, substituíssem os meios de comunicação clássicos na preferência dos manifestantes.

Quando perguntados sobre o quanto ouviram falar dos protestos, a resposta que mais aparece é em primeiro lugar a opção "Muito", com 56,6% das respostas, seguida de "Um pouco" com 23,66%, "Não muito" com 8,35% e "Nada" com 1,19%; considerando assim, que a maioria dos estudantes do Ensino Médio público de Cascavel conheceu ou ao menos ouviu falar dos protestos. Possibilita-se dessa forma, que mesmo no imaginário dos jovens, tais protestos causaram ou ainda causam avaliações, reavaliações e mudanças na forma de perceber a participação política, a organização em rede e nas redes e o papel da juventude em processos de transformação política.

Já a disputa pela informação, na guerra simbólica produzida pelos meios de comunicação de massa de forma intensa, provocou também a necessidade de posicionamento dos indivíduos em escalas favoráveis e não favoráveis aos protestos. A pergunta a seguir pretendeu captar essa informação entre o público da pesquisa e também entre o subgrupo dos participantes das manifestações:

Elaboração: MINUCELLI, C. P.; NAZZARI, R. K.

Percebe-se que, em sua maioria, os jovens mais favoráveis aos protestos são aqueles que participaram das manifestações (73,6%), enquanto que os não participantes também em sua maioria são favoráveis (51,09%), mas com outras opiniões mais distribuídas no gráfico.

Neste sentido, buscou-se também analisar quais os sentimentos dos entrevistados sobre os protestos. Entre o público total da pesquisa, a maioria classifica seus sentimentos como neutros (46,5%), enquanto outros 27,2% classificam-nos como muito positivos ou relativamente positivos; 6,2% dizem que são negativos ou relativamente negativos, 15,7% não tem certeza ou não sabe responder e 4,4% deixaram a questão sem resposta.

Entre o subgrupo de participantes, o quadro mostra mudança. Estes, em sua maioria, disseram que seus sentimentos são muito positivos ou relativamente positivos (55,7%), contrastando com 34,9% de sentimentos neutros, 3,8% negativos ou relativamente negativos e 5,7% não souberam responder ou não tem certeza.

Desta forma, perguntou-se se os entrevistados aprovavam ou desaprovavam as formas pelas quais as manifestações foram conduzidas. A maioria do público de pesquisa disse que aprova (36%), porém o número de respondentes que desaprovam também é elevado: 30,8%.

Destaca-se que, neste caso, 29% dos respondentes não souberam responder, indicando que a dimensão organizativa das mobilizações, a disputa pelos rumos dos movimentos em rede e a disputa simbólica e física pela violência e não violência nos protestos, ainda são variáveis que não foram totalmente processadas no imaginário juvenil.

No entanto, entre os participantes das manifestações, a opinião pela aprovação das formas de condução foi mais heterogênea, ou seja, 59,4% aprovam, 26,4% desaprovam e 14,2% ainda não sabiam responder, apontando novamente certo grau de influência que a experimentação democrática dos protestos de rua e da organização em rede pode propiciar na tomada de decisões e posicionamentos dos entrevistados.

Compreendendo que uma das novas características dos movimentos sociais na era da internet é a organização pelas redes sociais e, que esta organização pode ser vista de diferentes formas e com diferentes opiniões acerca de sua eficácia, investigou-se se os entrevistados acreditavam que organizar protestos pelas redes sociais ou pela internet poderia ser melhor.

O Gráfico 02 a seguir demonstra os resultados dessa pergunta, numa comparação entre a pesquisa global e as

355 respostas dos participantes dos protestos: Gráfico 02: Organizar protestos pelas redes sociais ou pela Internet
356 pode ser melhor?

357 Infere-se, novamente, assim como na questão do posicionamento favorável ou contrário às mobilizações, que
358 o subgrupo de participantes dos protestos possui uma avaliação mais positiva em relação à influência das redes
359 sociais no processo democrático, com uma diferença de 29,3% de respondentes que acreditam ser melhor organizar
360 protestos de forma virtual.

361 Volume XXII Issue I Version I 32 () Destaca-se que 30% dos entrevistados, considerando a pesquisa global,
362 não sabem responder se é melhor ou não, o que indica que o nível de informação sobre os protestos e a experiência
363 democrática proporcionada por eles, além de uma opinião acerca da organização, são diretamente relacionadas.

364 A dimensão teórica da organização, formação e possibilidades das comunidades virtuais de protestos, em
365 conjunto com os resultados dos questionários, permite inferir que do mesmo modo como a internet parece se
366 constituir gradualmente como meio de informação, comunicação e participação social, ela também se consolida
367 como possibilidade de organização dos movimentos sociais e, especialmente, dos movimentos juvenis, que
368 encontram caminhos ainda não totalmente descobertos para a superação da apatia política e dos índices ainda
369 elevados de não participação na política.

370 V.

371 6 Considerações Finais

372 Com destaque, pode-se afirmar que se vivenciou com os movimentos em rede de Junho de 2013 no Brasil a primeira
373 experiência democrática de protestos, após o início do processo de globalização mundial, que utiliza de forma
374 majoritária as redes sociais e a internet como principal meio de organização de protestos de rua, reivindicando
375 pautas políticas, desde a derrubada de governos, em contraposição a ideias autoritárias, até o pedido por melhorias
376 nos serviços sociais básicos.

377 Essa nova possibilidade de integração e diversidade evidenciou que os padrões nos comportamentos políticos
378 dos cidadãos podem ser minimamente alterados em função da intensa disputa pelos rumos dos movimentos
379 e, também, pela experimentação da noção de negociação pública do espaço político coletivo, estabelecendo os
380 momentos dos protestos como momentos ricos de aprendizagem democrática e exercício dos direitos civis e da
381 liberdade de expressão.

382 Pode-se apontar, portanto, que outra noção de democracia passa a ser concebida, por meio de algumas
383 hipóteses como a substituição da relevância da representatividade institucional pela democracia direta e real e
384 da tecnologia como facilitadora da construção, elaboração e avaliação das condições reais de mobilização cidadã
385 para este objetivo.

386 Esta ocasião aparenta proporcionar aos jovens novas formas de se interferir na arena política e de, por meio
387 dos canais usuais de comunicação da juventude contemporânea, imprimir no espaço público suas inquietações e
388 esperanças em relação à política, fazendo oscilar positivamente seus estoques de capital social e seus níveis de
389 participação política, configurando um momento de novas possibilidades para a cultura e socialização política
390 juvenil.

391 Em meio a essas nuances, este estudo buscou analisar, com base na literatura clássica sobre o assunto e,
392 na aplicação de questionários quantitativos, as continuidades e descontinuidades dos processos de socialização,
393 cultura e participação política da juventude e, especialmente, da juventude que frequenta estruturas de
394 socialização como a escola pública, tendo como ponto de partida os movimentos em rede.

395 Evidenciou-se, inicialmente, que as mudanças nestes processos passam pela forma que a atuação política para
396 as mudanças sociais toma, pois ao verificar o significativo aumento de acompanhamento de notícias sobre política e
397 sobre eleições pela internet e pelas redes sociais, percebe-se que após a experimentação democrática dos protestos,
398 o interesse por esse tipo de informações nos meios que são veiculadas torna-se, em conjunto com o ciberespaço,
399 um dos principais canais de comunicação dos jovens com o sistema político, seja para construir demandas ou
400 para receber ações de governos e do Estado.

401 Somado a isto, nota-se que as informações políticas nas redes sociais aparentam não ser relevantes apenas
402 quando o jogo político democrático impõe a obrigação do voto, ou seja, apenas quando os procedimentos formais
403 da democracia são analisados. Ela se espalha cada vez mais nos caminhos virtuais e no tempo, estabelecendo
404 uma relação cotidiana do jovem com a comunicação virtual dos acontecimentos e dos debates políticos.

405 Essa relação encontra na avaliação dos jovens sobre a situação política do país e do município, um elevado
406 descontentamento e uma continuidade nos significantes índices de desconfiança política e, especialmente, da
407 desconfiança sobre as instituições políticas representativas. Dessa forma, a percepção aferida do público da
408 pesquisa é a de que o descontentamento caminha em paralelo a uma avaliação regular, ruim ou péssima das
409 formas atuais da democracia.

410 Os traços autoritários encontrados nesta pesquisa possivelmente possuem, de igual forma, uma relação com os
411 níveis de confiança política e confiança interpessoal dos jovens, visto que de toda forma, as múltiplas variáveis
412 que influenciam as formas de se pensar a vida social e política passam pelas instituições sociais tradicionais, que
413 admitem linhas de autoridade bem definidas e um poder tradicional e carismático marcantes na trajetória dos
414 indivíduos. Tal associação pode se dar pelo fato de a família, a escola e a religião contribuírem para que estas
415 linhas de autoridade se reproduzam no tempo e influenciem as orientações políticas.

416 No que se refere a estas instituições, percebeuse que há uma progressiva abertura democrática, relativamente

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

417 maior que as anteriores, para a relativização de conceitos e práticas anteriormente tratadas como paradigmáticas,
418 como a incapacidade dos jovens em participarem de decisões no seio familiar, na gestão das escolas e na construção
419 dos conceitos religiosos contemporâneos.

420 Em contraponto, este aumento nos níveis de confiança interpessoal e institucional não encontra nos diferentes
421 governos o mesmo acréscimo, pelo contrário, eles foram decrescidos em relação à pesquisas anteriores, o que indica
422 que a indignação pelos recorrentes casos de deturpação dos fins de um governo é destacada e expressada por meio
423 dos ainda altos índices de desconfiança e, ainda, possivelmente explica a elevada recusa das formas tradicionais
424 da institucionalidade, como os partidos, no interior das manifestações em rede.

425 No entanto, a experimentação democrática dos protestos possibilitou que se mudasse em curto prazo alguns dos
426 elementos que constituem as bases para o investimento de mais capital social pelos jovens estudados. Percebeu-
427 se, por exemplo, que os sentimentos em relação à eficácia da participação política dos jovens aumentaram em
428 relação a menos de cinco anos anteriores à pesquisa, indicando que em conjunto com outros fatores, os protestos
429 colaboraram, mesmo que de forma ainda não definitiva, para que houvesse um redimensionamento das visões de
430 mundo que constroem os jovens sobre suas próprias ações nos espaços públicos democráticos.

431 A participação nos protestos, além de se configurar como um momento de relevante reflexão política, consolida
432 gradualmente neste contexto as redes sociais e a internet como fomentadoras do debate político, da discussão de
433 ideias e posições na arena política e, acima de tudo, como demonstrou a pesquisa, colaborou consideravelmente na
434 mudança de algumas formas de pensar a política e no aumento do interesse em participar entre os que vivenciaram
435 este processo.

Volume XXII Issue I Version I 34 () ^{1 2}

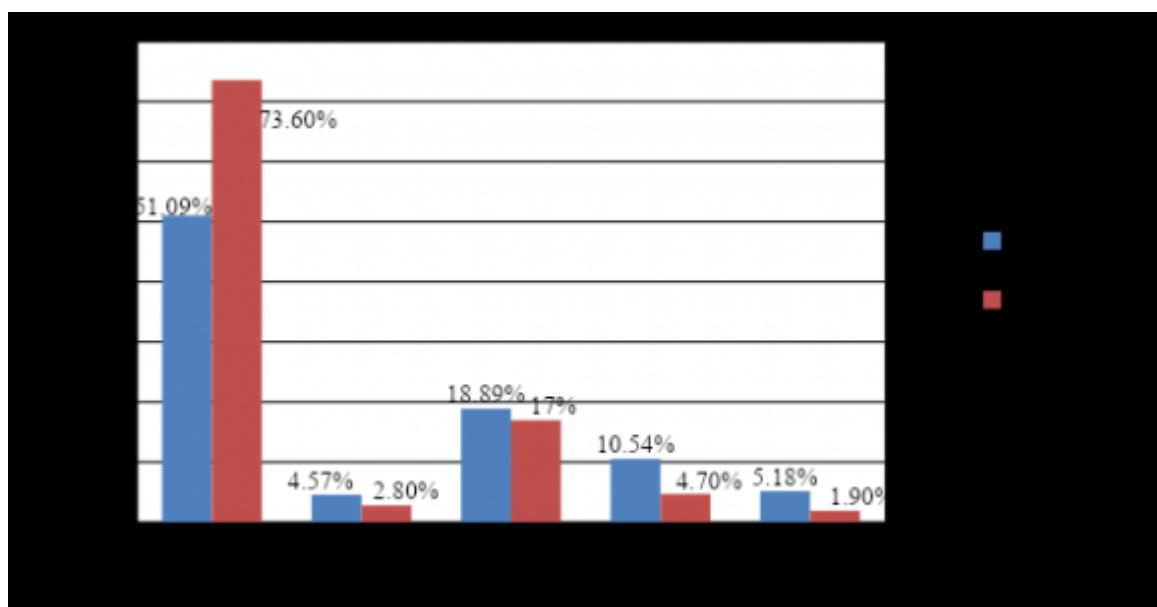


Figure 1: 5

436

¹Disponível em: <http://www.latinobarometro.org> ⁵ Disponível em www.consultaescolas.pr.gov.br, sítio oficial do Governo do Estado do Paraná.

²()

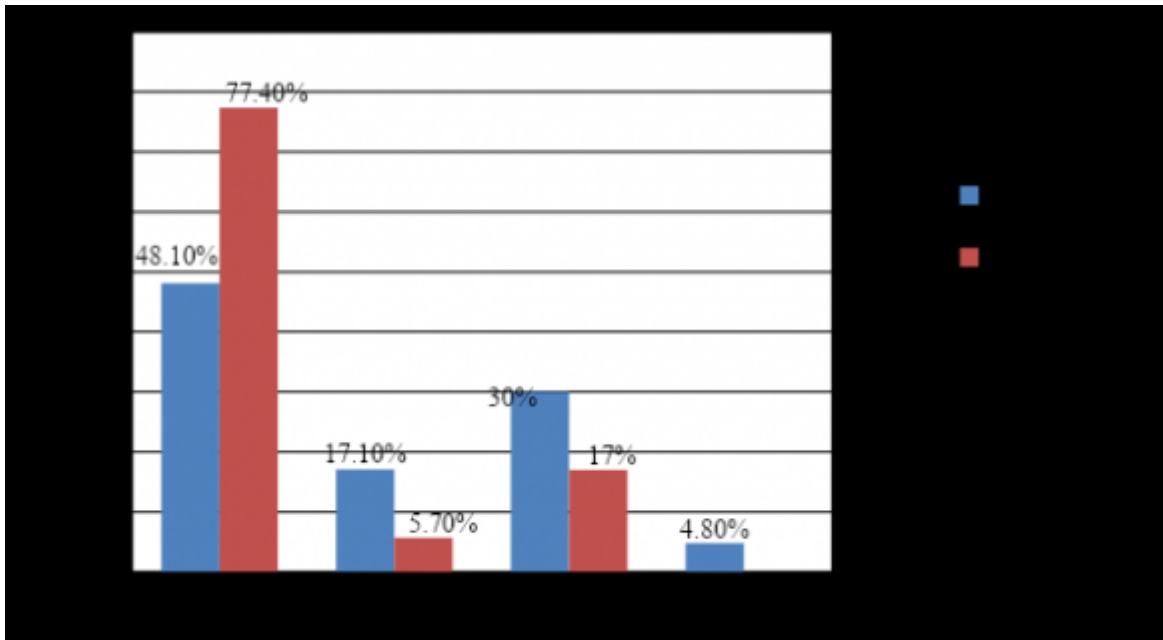


Figure 2:

Além de se abordar estes resultados inéditos, objetiva-se também estabelecer uma análise comparativa com pesquisa de Socialização e Cultura Política imediatamente anterior a Junho de 2013, realizada por Thomazini (2012), a fim de verificar se a

IV. Mudanças e Tabela 01: Cruzamento Idade X Sexo do público da pesquisa (em %).

	13 anos	14 15 anos
Sexo	0,0%	1,2%
Idade	3,4%	0,4%

experimentação democrática dos protestos de rua e contexto social dos movimentos em rede fizeram os ou não as variáveis de Socialização e Cultura Política município.

Idade
16 anos
confiança nas instituições sociais e confiança política, 23,9% 22,9% 3,0% 2,4% sistema político (ALMOND & VERBA, 1965; ALMOND & POWELL JR., 1972; SARTORI, 1994; MOISÉS, 2000). Para uma avaliação longitudinal numa perspectiva histórica, entre a pesquisa culminada em 2012 e esta, culminada em 2015, o método comparativo buscou semelhanças e diferenças entre fatos, abordando duas séries de natureza análoga tomadas dos meios sociais pesquisados, a fim de verificar o que é e o que não é comum em ambos (ALMOND & POWELL JR., 1972; BILL & HARDY JR., 1973 apud SCHMIDT, 2000). O intuito da conjugação destas duas dimensões da pesquisa é estabelecer uma análise de algumas variáveis da Cultura e Socialização Política da percepção, informação, opinião e participação de adolescentes e jovens nos movimentos em rede de Junho de 2013 na cidade. São elas: a) perfil socioeconômico dos estudantes de Ensino Médio público da cidade de Cascavel/PR; b) percepção e satisfação com a democracia e suas nuances na cidade de Cascavel e no Brasil; c) participação social política em suas dimensões comunitárias e/ou institucionais representativas; d) percepção em relação à confiança política

participação, informação e sentimentos em relação às características dos movimentos em rede e sobre os protestos de Junho de 2013.

No desenvolvimento de cada um destes subitens do estudo, realiza-se uma análise em separado dos casos de questionários respondidos por estudantes que participaram dos protestos na cidade de Cascavel/PR, tendo como objetivo evidenciar as possíveis diferenças entre este subgrupo e a amostra geral da pesquisa e, compreender quem são os jovens que saíram às ruas neste contexto em rede.

	2012 (n=456)		2015 (n=503)	
	Sim	Não	Sim	Não
Eventos/Atividades				
Conselho de Classe na escola	14%	86%	22,5%	77,5%
Grêmio Estudantil	9,4%	90,6%	18,7%	81,3%
Associações de moradores do bairro	4,2%	95,8%	9,3%	90,7%
Grupo de jovens religioso	37,7%	62,3%	56,7%	43,3%
Protestos e passeatas	12,3%	87,7%	34%	66%
Partidos Políticos	2,6%	97,4%	3,6%	96,4%
Sindicatos	1,8%	98,2%	3,8%	96,2%

[Note: Elaboração: MINUCELLI, C. P.; NAZZARI, R. K.]

Figure 4:

Você confia?	CONFIO TOTALMENTE		CONFIO ATÉ CERTO PONTO		NÃO CONFIO		NÃO S
	2012	2015	2012	2015	2012	2015	
Governo	1,8%	5,2%	53,3%	47,3%	34,2%	35% 34%	10,7%
Federal		5,7%		54,7%			
Governo Es- tadual	2,6%	4,2%	53,1%	45,1%	33,3%	39,2%	11%
Governo Mu- nicipal	4,2%	2,8%	52,6%	44,1%	32,7%	41,6%	10,5%
Deputados	1,5%	1,8%	43,4%	39,6%	43,2%	48,3%	11,8%
Estaduais							
Vereadores	2%	0,6%	42,5%	35,8%	45,2%	53,3%	10,3%
Partidos	2%	1% 1,9%	38,2%	36,4%	48,9%	52,5%	11%
Políticos				44,3%		49,1%	
Igreja	47,1%	33,8%	37,1%	42,9%	11,6%	14,9%	4,2%
		29,2%		49,1%		17,9%	
Família	79,4%	72,8%	16,4%	17,9%	2,9%	2,8% 0%	1,3%
		76,4%		19,8%			
Escola	33,8%	27,4%	52,2%	55,5%	11,2%	9,9%	2,9%
		25,5%		62,3%		6,6%	
Mídia -TV, jornais	-	2,4%	-	45,1%	-	45,1%	-
		1,9%		48,1%		45,3%	
Professores	30%	23,5%	54,6%	61%	12,1%	9,3%	3,3%
Amigos	41,7%	27,2%	49,3%	59%	7,2%	7,4%	1,8%
		33%		60,4%		2,8%	
Pessoas	4,8%	3,2%	58,1%	54,3%	30,3%	33,6%	6,8%

Figure 5:

Por qual meio mais ouviu falar ou se informou?	(n=503)		Total		Participantes	
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
Pelas redes sociais na Internet	35%	65%	70,8%	29,2%	70,8%	29,2%
Conversando com amigos	16,1%	83,9%	19,8%	80,2%	19,8%	80,2%
Conversando com a família	7,8%	92,2%	8,5%	91,5%	8,5%	91,5%
Assistindo à TV e pelos jornais	51,3%	48,7%	34%	66%	34%	66%
Na escola	13,1%	86,9%	17%	83%	17%	83%

Elaboração: MINUCELLI, C. P.; NAZZARI, R. K.

Figure 6:

-
- 437 [Baquero and Keil] , M Baquero , I M Keil . *Orgs.*)
438 [_____ and Paulo ()] , _____, Paulo . 1999. Paz e Terra.
439 [Democracia ()] , Democracia . 2004. Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
440 [Latinobarómetro and Banco De Dados Do Latinobarómetro ()] , Latinobarómetro , Banco De Dados Do Lati-
441 nobarómetro . <<http://www.latinobarometro.org/>>. Acesso em: 12 de Março de 2014.
442 [Barbetta ()] P A Barbetta . *Estatística aplicada às Ciências Sociais. 5. Ed. Faculdade de Ciências Econômicas*
443 *de Vitória (FACEV): Editora UFSC, 2002.*
444 [Sartori et al. ()] ‘Comparación y método comparativo’. G Sartori , G Sartori , L Morlino . *Comp.) La*
445 *comparación en las ciencias sociales. Madrid: Alianza Editorial, 1994.*
446 [Putnam ()] *Comunidade e Democracia: a experiência da Itália moderna*, R D Putnam . 2006. 5° Ed. Rio de
447 Janeiro: Editora FGV
448 [Minucelli and Participação ()] *cultura e socialização política juvenil em Cascavel/PR: um estudo a partir dos*
449 *movimentos em rede. Dissertação. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, C P*
450 *Minucelli , Participação . 2015. Universidade Estadual do Oeste do Paraná/Campus Toledo*
451 [Moisés ()] *Democracia e Confiança -Por que os Cidadãos Desconfiam das Instituições Públicas*, J A Moisés .
452 2010. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo
453 [Scherer-Warren ()] ‘Dos movimentos sociais às manifestações de rua: o ativismo brasileiro no Século XXI’. I
454 Scherer-Warren . *Rev. Política & Sociedade -Florianópolis* 2014. 23.
455 [_____ ()] ‘Empoderamento da juventude no Brasil: capital social, família, escola e mídia’.
456 _____. *Cascavel: Coluna do Saber* 2006.
457 [Nazzari ()] *Juventude brasileira: capital social, cultura e socialização política. Cascavel: Edunioeste*, R K Nazzari
458 . 2006.
459 [Schmidt ()] *Juventude e política nos anos 1990: um estudo da socialização política no Brasil. Tese de Doutorado*
460 *em Ciência Política*, J P Schmidt . 2000. Universidade Federal do Rio Grande do Sul
461 [Thomazini ()] *Programa Câmara Jovem: limites e possibilidades de um processo de socialização política*, T D
462 R Thomazini . 2012. Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ Campus Toledo (Dissertação. Programa de
463 Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais)
464 [Castells ()] *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, M Castells . 2013. Rio de
465 Janeiro: Zahar.
466 [Postman and Desaparecimento Da Infância ()] *Rio de Janeiro: Graphia*, N Postman , Desaparecimento Da
467 Infância . 1999.
468 [Tatagiba ()] ‘Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil’. L Tatagiba . *Rev. Política & Sociedade -*
469 *Florianópolis* 1984. 1992 e 2013. 2014. 23.
470 [Lévy and Cibercultura ()] *São Paulo : Editora 34 Ltda*, P Lévy , Cibercultura . 1999.
471 [Almond et al. ()] ‘The Civic Culture: political attitudes and Democracy in five nations’. G Almond , S ; Verba
472 , G _____; Powell Jr . *Boston : Little, Brown and Company* 1965. 1972. (2) . (Uma teoria de
473 política comparada. Rio de Janeiro: Zahar Editores)
474 [Mizstal ()] *Trust in modern societies: the search for the bases of social order*, B A Mizstal . 1998. Britain;
475 Cambridge: Polity Press. (Printed in Great)